



**A ARTE INDÍGENA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**  
**INDIGENOUS ART IN BASIC EDUCATION**NASCIMENTO, Talita Avalo dos Santos<sup>1</sup>**RESUMO**

Objetivando dar uma contribuição ao ensino de arte indígena na educação básica e salientando a valorização dessa cultura no âmbito escolar, conduzem-se o discente ao fazer artístico a partir do grafismo, da pintura, da cerâmica e da arte plumária, aguçando nos mesmos um olhar diferenciado pela cultura indígena e colocando em primazia a mesma nas aulas de artes visuais. Compreende-se que esta é uma maneira de trazer, valorizar e mostrar, como a Arte indígena envolve a sua cultura, contribui e inspira. A magnitude da execução deste estudo será transparecer que as artes indígenas têm uma investidura de especificidades expressivas pelo qual, conseguem transmitir um juízo de valor sobre sua vida em sociedade, e transparecer através da arte sua própria essência humana.

**Palavras-chave:** Cultura indígena; arte indígena; educação.

**ABSTRACT**

Aiming to contribute to teaching indigenous art in basic education and emphasizing the appreciation of this culture in the school environment, students are led to artistic practice based on graphics, painting, ceramics, and feather art, sharpening a look at them differentiated by indigenous culture and placing it in primacy in visual arts classes. It is understood that this is a way of bringing, valuing, and showing how indigenous art surrounds its culture, contributes, and inspires. The magnitude of the execution of this study will be to show that the indigenous arts have an endowment of expressive specificities by which they manage to transmit a value judgment about their life in society, and to show through art their own human essence.

**Keywords:** Indigenous culture; indigenous art; education.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) em 23/01/2017. Graduada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Claretiano em 16/12/2019. Pós-graduada em Educação Especial pela Faculdades Integradas do Vale do Ivaí (ESAP) em 31/07/2017. Pós-graduada em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) em 20/10/2020. Pós-graduada em Educação Infantil – Anos Iniciais e Psicopedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) em 16/12/2022.

## 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a arte indígena não é um trabalho separado, individualizado intrinsecamente, ela se apresenta totalmente conectada à vida diária a elementos e rituais, como nas pinturas corporais, tornando cada grupo ou tribo indígena diferentes entre si. É apropriado mensurar que a arte indígena tem sido estudada diligentemente, e sendo usada como material instrucional na grade curricular das instituições de ensino, em que, alunos tem tido a primazia de receber esse conhecimento tão diversificado sobre esse tipo de arte e onde tem levado os discentes a um mundo desconhecido de um povo que possui uma cultura totalmente individualizada e única.

A cultura indígena é tão exuberante, que atrai muitos pesquisadores sobre suas tradições e principalmente suas obras e construções de arte como os grafismos e artefatos produzidos por esses povos, para diversos eventos que realizam dentro de suas aldeias. As manifestações culturais indígenas estão presentes nas danças, nas vestimentas, na arte da pintura em seus corpos e principalmente em seus artefatos produzidos a partir do barro, argila, produzindo lindos vasos com grafismos originais e tintas confeccionadas por eles a partir de materiais orgânicos produzidos pela própria natureza.

Seguindo esse conhecimento, acredita-se que as escolas e seus professores de Artes, podem e devem realizar um trabalho que seja voltado a valorização da cultura indígena, enaltecendo a “Natureza”, utilizando tudo o que “Ela” pode oferecer para enriquecer o repertório dessa disciplina, deixando-a mais atrativa e significativa, em que, fazendo esse tipo de abordagem mostre aos educandos a diversidade que a Natureza pode proporcionar gerando assim, uma compreensão de respeito com o equilíbrio ecológico também, dependendo da abordagem a ser realizada. Outro aspecto importante é poder proporcionar aos estudantes, conhecer um pouco mais da influência indígena em nossa cultura brasileira até hoje.

É preciso destacar, que a cultura indígena está presente no cotidiano de todo brasileiro, desde alguns artefatos, até a culinária e poder desvelar algumas nuances desse artesanato feito pelos indígenas, para os estudantes, será um despertar de reconhecer o outro (indígena) como o precursor de tudo aquilo que permeia a nossa cultura brasileira.



Essa abordagem sobre a arte indígena, mostra a preocupação em se perpetuar a tradição deles, ensinar que a técnica dessa arte foi recebida pelos antepassados, explicitando também a importância de trabalhar paralelamente com a cultura, porque a arte indígena é um patrimônio que deve ser passada às gerações futuras. Dessa forma,

Considera-se importante discutir esta questão, pois, de acordo com os argumentos de autores como Ana Mae Barbosa e Roque de Barros Laraia, o estudo da cultura traz compreensão entre as diferenças culturais, entendendo que a Arte exerce uma importante função no desenvolvimento cultural dos educandos. (FIGUEIREDO, M.S. p. 8. 2012)

Assim, nessa pesquisa os tópicos serão apresentados considerando a diversidade das artes indígenas na educação básica. O estudo foi desenvolvido, mediante pesquisa bibliográfica, por meio de leituras, análise e fichamentos de livros, periódicos e revistas pedagógicas relacionados ao assunto em questão.

A pesquisa apresenta-se, neste artigo, dividida entre três tópicos assim constituídos:

O tópico 1 - trata-se de um breve olhar sobre o histórico das artes indígenas no Brasil.

O tópico 2 - Tem o enfoque do porquê estudar as artes indígenas nas escolas.

O tópico 3 - apresenta uma análise sobre a arte e a pluralidade cultural, onde, é apresentando a pintura, grafismo, a arte plumária e as cerâmicas, permitindo assim que os alunos compreendam a multiplicidade de manifestações artísticas e culturais que existem em diversos lugares.

Por fim, considerações finais sobre o estudo proposto são apresentadas de modo livre.

## **2.HISTÓRICO DA ARTE INDÍGENA NO BRASILEIRA**

A arte está presente em todas as culturas do mundo, nas existentes hoje ou que existiram em tempos passados. Os povos produziam pinturas, gravações, esculturas, cantavam e dançavam. Nas paredes das cavernas e grutas encontram-se pintadas e

gravuras que prefigurava a dança, cenas de caça, e imagens de pessoas, e também de outras coisas que estavam inseridas na sociedade e na vida religiosa dessas comunidades. Na era contemporânea, ainda são encontradas muito da arte rupestre, que são norteadores em estudos, dando-nos a dimensão de como viviam e como era a cultura das pessoas que por aqui habitaram a milhares de anos. De acordo com Denis (1980, p. 297)

As solidões ainda tão pouco exploradas, contêm, dizem, rochedos sobre os quais os antigos habitantes gravaram espécies de hieróglifos, destinados certamente a perpetuar entre eles algum grande acontecimento. Devem ser atribuídos aos guegués, que outrora ocupavam o território pelo Parnaíba? Será aos acroases que eiravam pelo Sul? Ou aos jaicos, que dominavam o Itaim, que se devem atribuir essas espécies de inscrições, de que falam os primeiros historiadores? É o que não podemos decidir. As rochas pintadas, ou para dizer melhor, as grandes pedras de superfície plana, sobre as quais estão gravadas figuras simbólicas, espécies de sinais hieroglíficos, não são raras na América meridional, e delas existem muitas, no Brasil e na Guiana.

O tempo passou, as formas de expressão e comunicação da arte, assim como sua função e significado, foram se modificando, porque o modo de viver, a cultura, os valores dos diferentes povos também se transformaram. Mas em cada período da história da humanidade, algum tipo de arte foi produzido. Pode-se conhecer uma boa parte dessa arte em museus, praças, nos próprios lugares de sua realização, ou por meio de fotografias, gravuras, livros, filmes e outros meios de registro e divulgação.

Os povos indígenas, da mesma forma, se diferenciam entre si e das demais culturas pela maneira de realizar suas festas, de fazer música, de construir a casa, de explicar sua origem, de relacionar-se com a natureza e com o mundo sobrenatural. É de se perguntar, nesta altura, se não seria um valor cultural nosso a ideia de coisa artística. Não seria isso uma espécie de supervalorização que atribuímos a algumas criações? Entre nós é nítida a diferença entre objetos pretensamente únicos, criados por especialistas, dentro da categoria de coisas destinadas às coleções privadas ou a museus e tudo que se destina ao uso corrente. Para Vidal (1992, p. 279)

diversas culturas indígenas ordenam e expressam sua percepção do mundo e de si mesmas por meio da criação artística e da expressão estética, ou seja, é através da arte gráfica que determinadas culturas indígenas veiculam imagens que representam suas principais concepções sobre a vida social e sobre suas relações com a sociedade, a natureza e o cosmo.

No mundo indígena a arte existe para o etnólogo, que olha, reconhece e colhe os objetos artísticos, não tanto para os índios que os têm e os usam de maneira conjunta, sem nomeá-la como arte, pois, para eles, existe uma apreciação pela confecção dos objetos, onde obedece a alguns requisitos, seguindo o padrão tradicional e também o respeito pela pessoa que realiza o trabalho.

Segundo Ribeiro 1985, p. 123, apud Zanini 1988, p. 50.

(...) O artista índio não se sabe artista, nem a comunidade para a qual ele cria sabe o que significa isto que nós consideramos objetos artístico. O criador indígena é tão-somente um homem igual aos outros, obrigado como todos às tarefas de subsistência da família, de participação nas durezas e nas alegrias da vida e de desempenho dos papéis sociais prescritos de membro da comunidade. É, porém, homem mais inteiro, porque além de fazer o que todos fazem, faz algumas coisas notoriamente melhor que todos.

As habilidades artísticas são dons que cada pessoa tem em desenvolver determinadas funções artísticas. Nas sociedades indígenas não é diferente, muitos são dotados de capacidade para confeccionar artefatos, como instrumentos musicais, utensílios domésticos e os lindos objetos em cestarias, entre outros, isso ocorre, porque os índios dominam técnicas de confecção.

Quanto a matéria-prima, é fundamental que tenha boa qualidade, para tanto, são muito bem selecionadas, e os artesãos se esmeram no acabamento e na decoração, para que o resultado agrade aos olhos de toda comunidade. Para

De outro lado, essas pessoas geralmente detêm um saber específico sobre o uso e a função dos objetos, o significado simbólico dos elementos decorativos, das cores. Conhecem todos os detalhes técnicos e os critérios estéticos para que os objetos sejam apreciados e aprovados pelos membros de sua sociedade, por intermédio dessas pessoas, que podem ser chamadas de especialistas, os conhecimentos se renovam e se transmite às novas gerações. Segundo Lux Vidal (1997, p. 105), “As manifestações artísticas condensam significados culturais fundamentais para cada sociedade”.

A visão que Darcy Ribeiro tem a respeito da arte indígena, é que ela é uma atividade profundamente integrada na vida cultural, sem que isso defina uma esfera diferenciada, específica de atividade ou pensamento.

A arte flui ali de uma cultura homogênea, como um componente dela, harmonizado com todos os outros, por um longuíssimo esforço de integração

recíproca. Um componente co-participado por todos os membros da comunidade que porta e fecunda aquela cultura, inclusiva sua arte. É uma arte mais comunal que individual, em cujo seio o artista nem sequer reivindica para suas obras a condição de criações únicas e pessoais. Sendo apenas genuínas, elas constituem reiterações de elementos pertencentes à comunidade, tão dela que expressam mais sua tradição do que a personalidade do próprio artista (RIBEIRO, 1985, p. 123, apud ZANINI, 1988, p. 51).

Entretanto, ele especifica três funções importantes para os produtos indígenas:

a de diferenciar o mundo dos homens regidos pela conduta cultural que se constrói a si mesma, do mundo dos bichos comandados por impulsos inatos, inevitáveis e incontroláveis; a de diferenciar aquela comunidade étnica de todas as outras, proporcionando um espelho em que ela se vê e se contrasta com a imagem etnocêntrica que tem de outros povos; cumpre, ainda, a função de dar aos homens coragem e alegria de viver num mundo cheio de perigos, mas que pode ser melhorado pela ação dos homens (RIBEIRO, 1985, p. 124, apud ZANINI, 1988, p. 52).

As mudanças que ocorrem nas culturas indígenas e que também acontecem nas demais culturas podem ter várias causas, entre elas, a aproximação ou afastamento com outras sociedades, indígenas ou não-indígenas. Todavia, tais situações provocam o desaparecimento de certas manifestações artísticas; em outros casos, elas trazem elementos enriquecedores da arte, surgindo produções de boa qualidade, com força expressiva e que possuem uma estreita relação com o modo de vida atual de um indivíduo, de uma família ou de uma comunidade.

### **3.POR QUE ESTUDAR AS ARTES INDÍGENAS NAS ESCOLAS DE ENSINO REGULAR**

Quando estudamos a história do Brasil desde seu descobrimento, percebemos que a cultura indígena se faz presente, influenciando de forma constante as tradições do país. Em se tratando da importância que a escola tem em estar constantemente em contato com essas tradições, em 11 de março de 2008, foi sancionada a lei que outorga às escolas, inserir elementos da cultura indígena no currículo escolar, ordena que os sistemas normativos das culturas afro-brasileira e indígena integrem o conteúdo do Ensino Fundamental e Médio, dando ênfase às

áreas de Literatura, Artes e História, tanto na rede particular quanto pública. Lei 11.645/08. At. 26-A. Art. 1º e 2º.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008. Art. 1º e 2º)

As instituições de ensino e seus currículos têm se apresentado com falhas e falta de preparo para se trabalhar a arte indígena, sem falar na propagação de preconceito sobre essa etnia, sempre alinhada a interesses de grupos preponderantes de perspectiva arcaicas. A Lei 11.645/2008 trouxe novas perspectivas para o ensino da História e cultura dos povos indígenas, possibilitando o rompimento com o silêncio e com a memória produzida pelos grupos predominantes, colocando dúvida sob o currículo que tem ocultado a verdadeira essência e a maneira de pensar desses povos, rejeitando a simplicidade de suas memórias e histórias. Segundo Bittencourt, (2002, p.72), “Várias pesquisas demonstraram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade burguesa”.

Torna-se necessário um caminho docente que repense a postura quanto professor no ensino das artes indígenas, buscando assumir o compromisso social e político próprio do ofício, sempre avançando na produção de outras histórias, baseadas em outras memórias dos povos indígenas, alicerçadas na relação entre o passado o presente e o futuro, fundamentada nos princípios da igualdade e da liberdade que se perderam no caminho da história. Entretanto, deve-se ter uma nova postura pedagógica, entendendo que o estudo da história e cultura indígena nas escolas pode ocorrer por um caminho que venha reconhecer a pluralidade da nação



brasileira e a diversidade dos povos indígenas, ressaltando que esses povos estão inseridos no tempo presente.

Consta no texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, 1997, p. 19:

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura. (Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, 1997, p. 19)

As instituições escolares devem empreender um novo método, que possa ser entendido e guiado por outros princípios, através de outra linha de pensamento e de uma outra lógica. Pois, precisam entender que a nação Brasileira não é uma unidade homogênea, e sim uma unidade totalmente atravessada pelas múltiplas identidades, línguas e diferentes formas de organização sociocultural, só que os professores em suas falas, enfatizam sempre a mesma coisa, que é a contribuições dos índios para a formação da sociedade brasileira, onde são superficiais em seus argumentos, não acrescentando nada novo com relação a cultura dos silvícolas no aprendizado dos alunos.

Portanto, essa mudança, é vista como necessária, pois essa questão precisa ser resgatada nas instituições escolares, oportunizando aos alunos um novo tempo de angariar conhecimentos desse processo tão incrível que é o da construção do nosso país, onde a participação indígena é marcante, tanto no passado, como também no presente, fazendo conhecer os aspectos positivos dessa população em relação à cultura brasileira.

O interesse pela cultura indígena também pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das comunidades nativas atuais. Isso porque a população se percebe herdeiras de saberes que melhoram seu cotidiano, enriquecem a cultura popular e resgatam a memória coletiva. Parellada (2006, p. 13)

E esse interesse pela cultura indígena é de suma importância, pois, tendenciosamente levam os professores a buscar meios de informação a respeito da mesma, tanto no passado, como na atualidade, podendo desenvolver com seus

alunos um trabalho competente e de valor inestimável, pois trabalhar a questão das artes e também dos outros aspectos da cultura indígena na escola, é fazer com que o aluno conheça a si próprio, oferecendo ao discente condições para estar em contato com as tradições do nosso país, que diga-se de passagem apresenta uma rica cultura, levando-os a buscar a valorização, promoção e preservação da mesma. Segundo Ferraz, (1995, p.20).

É muito importante que o professor conheça e saiba organizar as graduações dos assuntos. E saiba propor atividades que propiciem as vivências de ensino e aprendizagem dos mesmos, considerando, tanto os mais simples como os mais complexos. Para isso o professor deve estar atento às características da faixa etária, interesses e —direitosll culturais artísticos de seus alunos, no mundo contemporâneo. Deve atuar como mediador de conhecimentos em arte durante os cursos, tomando as vivências dos estudantes como pontos de partida para novos saberes a serem aprendidos. (Ferraz, 1995. P.20)

Nesse sentido, Portella (2008, p.124) ressalta, “A Arte precisa se mostrar significativa para professores e alunos por intermédio das experimentações, do fazer e do refletir artístico, partindo do contexto cultural e histórico daquele grupo e chegando a outros diferentes contextos” Para tanto o docente precisa ser um profissional de atuação significativa, buscando sempre uma atualização de seus saberes e utilizando-os em benefícios de seus alunos, despertando nos mesmos o interesse de serem pesquisadores investigadores, para poderem colocar em prática com projetos pedagógicos envolvendo toda comunidade escolar.

Surge, então, a inevitável ação quanto as práticas pedagógicas, não, porque está sendo exigida pela legislação educacional em vigor, mas pela necessidade de se desconstruir conceitos e pré-conceitos estereotipados, que vem desde o período que os portugueses adentraram no Brasil com relação ao povo indígena. Segundo Passos

Se a escola reflete o modelo social no qual está inserida, isso significa que nela também estão presentes práticas das desigualdades sociais, raciais, culturais e econômicas [...]. A vivência da diversidade étnico-racial no espaço escolar exige que professores, gestores da educação, concebam a escola como um campo de lutas e a pedagogia uma forma de política cultural voltada para um projeto de cidadania, democracia e emancipação. Isso significa mexer com os valores, crenças e culturas consideradas como verdades, significa tencionar as práticas pedagógicas escolares que ainda se pautam por uma concepção colonialista, racista, conservadora e excludente que banalizam e tornam insignificantes as práticas culturais populares. (Passos. p. 56-57. 2006)

Podemos considerar a arte na escola como uma ponte que liga o discente a uma variedade de formas que o conduzirão a vivenciar a afetividade, levando-o a uma imensidão diversa e vasta cultural que existe ao se relacionar com a história de outros povos desvelando o que antes fosse incompreensivo. Surge aquele momento da busca pelos porquês, de tentar encontrar os significados das coisas e da sua própria existência, isso gera conhecimento e o coloca como protagonista de sua própria história nesse mundo que ele próprio questiona e recria. Diz Barbosa que,

A meta geral do ensino da arte é o desenvolvimento da disposição de apreciar obras de arte, onde a excelência da arte implica dois fatores: a extrema capacidade que têm os trabalhos de arte de intensificar e ampliar o âmbito do conhecimento e experiências humanas e as qualidades peculiares de trabalhos artísticos dos quais resulta tal capacidade. (Barbosa. p.99, 2005.)

Dessa forma, compreende-se que são necessários esforços para que algumas políticas educacionais avancem no processo de projetar para as escolas, outras maneiras de se deslocar e avançar, com projetos dinâmicos dando ênfase a cultura nacional brasileira.

É preciso que o trabalho do professor de Arte não fique isolado entre as paredes da escola. A escola precisa com urgência abrir suas portas e acolher a produção cultural de sua comunidade e de outros lugares e épocas. (COUTINHO, p. 159. 2008)

#### 4. CONHECENDO A ARTE INDÍGENA

Ao abordarmos essa temática, permitiremos que os alunos compreendam a diversidade das manifestações artísticas culturais que existem em diversos lugares do mundo, bem como as características que diferenciam e aproximam às múltiplas culturas e comunidades.

As variedades que compõem a cultural indígena, envolve as mais diversificadas culturas que existem entre as tribos e seus participantes, como a linguagem, danças, vestimenta, tradições e heranças físicas e biológicas, e também a maneira de como se organizam na questão dos grupos étnicos, a visão que cada comunidade tem de mundo, os valores morais, crenças, hábitos, religião e a maneira que o sujeito indígena se relaciona com o meio ambiente, pois tudo isso gira em torno das vivências de cada grupo. Esse é o objetivo da proposta, trazer a tona a história

da ancestralidade indígena ligada a cada sujeito pertencente a essas terras, mostrando aos alunos a diversidade artística aguçando a criatividade de cada um a valorizar a diversidade da mesma.

Desenvolvendo tais atividades, os alunos terão a plena percepção dessa multiculturalidade entre os grupos indígenas, e entenderão que isso também pode ocorrer até mesmo dentro de uma mesma tribo. Os mitos, os rituais, a língua as formas de expressões artísticas, as moradias e a forma como se organizam social e politicamente, mostra as diferenças existentes os entres, e isso prova, que ao tomarem contato com outras culturas e com as mudanças sociais, vão acontecendo uma mudança gradativa, tomando nova forma, diferente do original, mostrando outras estratégias.

A habilidade com que os indígenas produzem seus diferentes artefatos de uso diário, torna-os hábeis artesãos, onde o resultado desse trabalho tem gerado uma renda financeira a mais, trazendo benefícios para suas comunidades. Nota-se a manifestação da arte indígena, nos lindos trançados que ao serem tecidos se transformam em belíssimos cestos, bolsas e esteiras, manuseiam a cerâmica originando a painéis e esculturas, a madeira é trabalhada gerando armas, máscaras, esculturas e instrumentos musicais entalhados, também não podemos esquecer das artes plumárias e os enfeites confeccionados a partir de ossos, sementes, unhas e cocos. Assim,

nas sociedades indígenas os esforços criativos alcançam muitos domínios, pois o campo abrangido pela arte é amplo e se expressa de diferentes formas, das mais efêmeras pinturas corporais às duradouras edificações, incluindo artefatos de uso cotidiano e ritual, manifestações performáticas e musicais. Os artefatos e os grafismos, em particular, materializam redes de interação complexas, condensando laços, ações, emoções, significados e sentidos. (Lagrou, p.70. 2009)

Percebe-se que as emoções, significados e sentidos, são o que representa para os indígenas cada etapa de criação de sua “arte”, mostrando a singularidade delas. Dos exemplos citados anteriormente, o grafismo é o mais estudado, pois se faz presente na pintura corporal, cestaria, cerâmicas e na confecção das indumentárias, onde, são representados por desenhos abstratos e geométricos com uma beleza



única. Cada traçado, representa a identidade de cada grupo, como se organizam socialmente, suas origens, a forma de vida, a maneira de convivência com as demais tribos e é vista como uma forma de comunicação. Segundo Lux Vidal (2002, p. 17), A obra de arte faz parte da história e das experiências atuais de uma sociedade: sua especificidade, autonomia e seu valor estético não se separam absolutamente das outras manifestações materiais e intelectuais da vida humana.

A construção do conhecimento, propicia aos alunos dentro do estudo da arte, inter-relacionar-se com suas emoções, por meio do pensar, admirar e do próprio realizar. O processo do aprendizado incita sentimentos, personificação e as experiências culturais, no qual o aluno está inserido. As metodologias utilizadas pelo docente no ensino do grafismo, devem levar primeiramente o discente a identificar a pintura e seus significados dentro da cultura indígena, que pode ser realizada por intermédio de vídeos ou gravuras.

Pode-se também desenvolver a produção de pigmentos utilizando: urucum, jenipapo, calcário, e, com o auxílio de uma caneta feita de bambu, realizar o grafismo em papel, com desenho de um corpo humano em tamanho natural, onde os alunos, poderão representar suas criações, inspirados em representação simbólica ou em peles de animais. Darcy Ribeiro, (1983, p. 125), complementa, “é no corpo humano que o indígena encontra suporte por excelência de sua pintura, e a tela onde os índios mais pintam, e aquela que pintam com mais primor”.

“o interesse pela arte indígena também pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das comunidades nativas atuais. Isso porque a população se percebe herdeiras de saberes que melhoram seu cotidiano, enriquecem a cultura popular e resgatam a memória coletiva”. Parellada (2006, p. 13)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto nesta pesquisa foi possível refletir sobre as Artes Indígenas, num pluralismo cultural, ressaltando assim a importância de valorizar as diferentes culturas por meio do ensino das artes visuais, constatando que essa temática contribui de forma significativa no processo de aprendizagem e formação do aluno.

Foi também pleiteado, que a arte indígena, como a cerâmica, artes corporais, grafismos, adornos, arte plumária, oferecem maiores condições de estudos, gerando descobertas sobre as produções artísticas presentes nas culturas das diversas sociedades e fazem parte direta e indiretamente da vida dos estudantes.

Dessa forma, foi evidenciado nesta pesquisa a importância de promover a alfabetização cultural dos educandos, destacando que o docente tem um papel importantíssimo de mediador da cultura, proporcionando que os educandos dialoguem com as produções de seus antepassados e de pessoas de outras culturas, e que descubram formas de fazer as várias leituras de mundo e de si próprio.

Juntamente com as fundamentações teóricas apresentadas, que deram respaldo ao estudo da cultura indígena nos currículos escolares, esta pesquisa expôs como embasamento a Lei 11.645/08, sancionada pelo presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, que tornou obrigatório o estudo da cultura indígena no ensino fundamental e médio, nas disciplinas de Arte, História e Literatura.

Finalizo essa pesquisa, concluindo que a cultura indígena representa as raízes culturais do nosso país, e que a partir das considerações levantadas aqui é possível promover discussões que despertem a consciência coletiva sobre a importância de valorizar suas contribuições na formação do povo brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: leitura no subsolo**. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BITTENCOURT, Circe. Livros Didáticos Entre Textos e Imagens. In: O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm)

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997. p.130.

COUTINHO, Rejane Galvão. **Inquietações e mudanças no ensino da arte: A formação de professores de Arte**. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.) - 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

DENIS, F. **Brasil**. Trad. João Etienne Filho e Malta Lima. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1980.

FIGUEIREDO, Milene da Silva. A cultura indígena nas Artes Visuais: reflexões para o ensino no Acre. 2012. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5415/1/2012\\_MilenedaSilvaFigueiredo.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5415/1/2012_MilenedaSilvaFigueiredo.pdf)  
Acesso em: 15 de julho de 2023.

LAGROU, E. Arte Indígena: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.

PARELLADA, C. I., et al. **Vida indígena no Paraná:** memória, presença, horizontes.

PASSOS, J. C. dos. **Jovens Negros:** trajetórias escolares, desigualdades e racismo – UFSC e NEN –

<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT21-1846-Res.pdf>  
Acesso em 20/07/2023

PORTELLA, Adriana. **Inquietaes e mudanças no ensino da arte:** Aprendizagem da Arte e o Museu Virtual do Projeto Portinari. In: BARBOSA. Ana Mae. (Org.) - 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, B. **Arte Indígena Linguagem Visual.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 1989.

Curitiba: PROVOPAR Ação Social / PR, 2006.

RIBEIRO, Darcy. *Arte Índia.* In ZANINI, Walter (Org.). **História geral da arte no Brasil** – v. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

SILVA, Aracy L.; GRUPIONI, Luís D. B. **A temática indígena na sala de aula:** novos subsídios para professores de primeiro e segundo graus. Brasília: MEC/MARI/Global, 2004, pp. 197-216

VIDAL, Lux. VIDAL, Lux. (Org.) **Grafismo Indígena: estudos de antropologia esttica.** Studio Nobel, Fapesp, Edusp, 1997.